



3º Domingo depois de Pentecostes – (05.06.05) Próprio 5

1ª leitura: Oséias 5.15-6.6

1º comentário - O profeta Oséias é de uma particularidade interessante... Ele poderia ser chamado de profeta do amor. Soube como ninguém se entregar ao amor de sua esposa. Mesmo ela sendo infiel, lhe devotou toda sua paixão sem querer retribuição.

A porção do lecionário de hoje mostra-nos a realidade da relação de amor e entrega que deve haver entre nós e Deus. O Senhor chama seu povo a vivenciar com Ele uma intimidade ímpar. O profeta deixa entrever em seu texto a necessidade de uma busca constante em conhecer o Senhor. "esforcemos-nos para conhecer a Javé" V.3a

É um profetismo de denúncia, que quebra paradigmas arraigados na religiosidade popular. Não basta o culto formal e ritualístico. É preciso a entrega do coração a uma relação de amor e afeto para com o Deus de Israel. Ele não quer sacrifícios e pompas religiosas, antes, quer o relacionamento e a vivência fraterna entre o povo e a adoração espontânea, que brota de corações sinceros e despojados.

O povo acuado, no "sufoco", busca a Deus, aparentando verdadeira conversão. Mas o Senhor não se deixa enganar por uma conversão superficial e momentânea. Deus quer uma mudança verdadeira e radical de vida. Um compromisso capaz de transformar a sociedade e estabelecer seus parâmetros de justiça. Deus quer que seu povo o conheça, isto é mais importante do que sacrifícios e ritos! (*Rev. Haroldo Mendes*)

2º. Comentário - Este trecho pertence um bloco de 5.8-8.14. A mensagem do profeta se localiza dentro da situação internacional do século VIII a.C., em que o povo de Israel sofre as ameaças militares e suas conseqüências. As potências dominantes rivais eram a Assíria e Egito. Israel oscilava diante dessas potências conforme a conveniência. Apoiados pelos egípcios e por erro de discernimento político houve uma coligação siro-israelita (efraimita) para resistir contra a Assíria. Não havendo a adesão da parte de Judá (Jerusalém), essa coligação marchou em direção a Jerusalém. (Ver 5.11; 2Rs 16.5; Is 7.1ss). Com a reação de Tiglate Pileser III (Assírio), o rei israelita Peca foi assassinado por um certo Oséias, filho de Remalias e este se submeteu ao poder assírio. (ver 5.13, do ponto de vista do profeta, não estava ai a salvação.) Em poucas palavras, para o profeta, Israel entrou na corrida das nações, deixando de confiar em Deus e de ser testemunha desse Deus. Ao invés disso, Israel recorreu à política de conveniência, submetendo-se ora a uma, ora a outra. O importante é observar que as guerras e batalhas implicam na violação brutal dos povos, das pessoas envolvidos. E quando se diz povos e pessoas abrange não só suas relações, mas também os recursos, as realizações tudo que quer dizer por identidade. Esse é o contexto em que a mensagem profética foi ouvida.



A mensagem de Oséias proclama que (1) O reinado de Deus abarca os povos e seus movimentos e as pessoas e seu relacionamento. Não há, pode-se dizer, nenhuma área de Sua criação que não seja do seu interesse. (2) Tanto assim que Ele entra nesse cenário. As metáforas que o profeta aplica a Deus são ameaçadoras como leão que despedaça as presas (ver 5.14; 6.1), vírus, pus, podridão, traça e cárie (5.12). Deus se faz presente nesse processo destruidor e destrói a arrogância do seu povo. (3) Mas esse Deus restaura para a vida a quem destruiu. (Ver 6.2b). É importante, nos parece, observar que, ao aplicar a metáfora do furor, ira e destruição a Deus, a mensagem traz um elemento altamente diferencial em relação às experiências humanas. O amor, a fidelidade prevalecem na ira.

Esse Deus que reergue o seu povo é o Deus que ama a fidelidade duradoura (6.6) e não efêmera como a neblina de manhã, (6.4). Por isso, o que Ele quer é a misericórdia (fidelidade pactual, de aliança), o conhecimento Dele, a comunhão com Ele e não apenas os sacrifícios e oferendas. A essência da oferta de ação de graças e louvor é a entrega da pessoa, da comunidade à fidelidade e ao amor que caracterizam Deus, isto é a comunhão (para que Ele habite em nós e Nós Nele). Então, se trata de ser pessoas e comunidade que correspondam ao que Deus é e faz. É esse o sentido de que as pessoas em relação, em comunidade é a imagem de Deus. (Esse texto final deve ser lido juntamente com Am 5.21-24; Is 11, 14-15; 4.3, 23-24; Jr 5.199-20; 7.21-23; Mq 6.6-8; Sl 50.8ss, o salmo selecionado par hoje.) Para nós que prezamos a liturgia é preciso que haja certa vigilância para que não haja discrepância entre as palavras e conduta, não se torne em "show" de palavras e gestos sem um senso de comunhão, de hospitalidade como Deus Triuno é, em devoção e espiritualidade sem Deus e o próximo. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª leitura: Romanos 4.13-18

1º. Comentário - É surpreendente a quantidade de pessoas que ainda acham necessário cumprir uma série de "obrigações" exigidas pelos espíritos, sofrer as dores de seu *carma*, ou comparecer à "corrente" de oração para que se sintam amadas e recebidas por Deus. É surpreendente a quantidade de esforço que é feito e de sofrimento que é imposto para que as pessoas possam se sentir perdoadas por Deus. No texto da Epístola de hoje, o apóstolo Paulo tenta demover este tipo de pensamento da mente dos membros da igreja de Roma, orientando-os a partir da experiência pela qual passou Abraão, o pai de todos os que crêem. A tese principal do apóstolo é a de que a salvação é mais uma questão de fé do que de obras. Pensando nisso, é possível encontrar neste texto pelo menos três grandes ênfases.

Em primeiro lugar o exemplo educativo de Abraão (v.13). De acordo com as Escrituras, Abraão recebeu uma promessa de Deus, segundo a qual ele daria origem a uma nação que só se compararia, em tamanho, às estrelas do céu. Pois bem, dizem as Escrituras que Abraão acreditou em Deus e isso foi o bastante para que Deus se agradasse dele. No verso 13 está escrito que Abraão não logrou sucesso em ser o pai de uma numerosa multidão por ter cumprido os rigores da lei ou obedecido alguma



exigência especial. Ele apenas creu! Não precisou fazer nada a não ser acreditar na promessa de Deus.

Em segundo lugar a consequência lógica desse exemplo (v. 16). A consequência clara retirada deste exemplo de Abraão, é que as graças de Deus, e particularmente a justificação, nos é dada tão somente pela fé, e não pelo cumprimento de estatutos, obrigações ou imposições. Mais do que isso, se a herança que Abraão recebeu fosse o resultado simplesmente de sua obediência à lei, então não haveria lugar para a fé no plano de Deus e não haveria necessidade de promessas, mas apenas de obrigações e remunerações. Sendo, a herança, proveniente da fé, então a graça de Deus volta a ter importância. Se o que recebo de Deus, eu recebo com base no meu esforço, na minha dedicação e sofrimento, então não tenho que agradecer nada de Deus. Ele apenas me deu o que eu merecia. Mas como é de graça, por meio da fé, somente, então devo agradecer tudo o que tenho recebido. Tudo o que sou e o que tenho é a expressão da graça de Deus.

Em terceiro lugar a reafirmação da fé contra todas as provas contrárias (v. 18). Abraão seria o primeiro a questionar Deus no momento de sua promessa. Deus prometeu que Abraão daria origem a uma grande nação estando ele com mais de 100 anos e sua mulher com mais de 90. Seria isso possível? A Bíblia diz que ele esperou contra a esperança (v. 18) e creu (v. 17) recebendo a certeza de que as promessas de Deus seriam cumpridas. Ao crer contra a esperança, Abraão nos mostra que a verdadeira fé não se dirige com base na realidade humana mas na direção da Palavra de Deus.

A história de Abraão nos mostra que por mais difíceis que estejam as coisas, por piores que estejam as circunstâncias, nós devemos sempre confiar nas promessas de Deus. Por mais que sejamos pecadores e fracos, por piores que as vezes nos sintamos, ele quer nos presentear com seu perdão gratuitamente, sem esforço algum de nossa parte. Para tanto só temos que abrir o coração e confiar em Deus e nas suas promessas. É preciso andar com fé, porque, como já dizia um certo cantor brasileiro, "a fé não costuma falhar". (Rev. Jorge Aquino)

2º comentário - O recorte de Romanos fala que Deus nos abre um horizonte promissor, como quem vivifica os mortos (redenção) e traz as coisas do nada à existência (criação). As Boas Novas desse Deus são reveladas no que Ele fez em Jesus Cristo, (3.21ss.) em favor dos ímpios, (os que não têm Deus), pecadores e inimigos, (a reconciliação veio da parte de Deus!). Trata-se da anterioridade do favor de Deus a quem não merece. Isso descortina diante de nós um horizonte inimaginável sobre Deus e sobre nós. O povo que somos confia nesse Deus doador desse horizonte e tem em Abraão e Sara ancestrais da fé, para os quais a confiança na promessa foi o poder propulsor da grande e duradoura jornada. Deles somos herdeiros. Estar voltado para o futuro, em esperança, contra a esperança humana (vs.18) é o que caracteriza a vida de confiança em Deus.

Paulo, frente aos cristãos judaicos que insistiam na obediência à circuncisão e outras exigências contidas no Antigo Testamento, argumenta que Abraão foi tido como justo, em bom relacionamento com Deus e recebeu sua promessa e fez a caminhada da fé, antes da obediência à lei, (isto é, prática das exigências judaicas). É isso que



equivale a dizer uma das dimensões de “à parte ou sem a lei” (3.21), mas testemunhado pela lei e profetas, isto é, pelas Escrituras.

O viver da fé expressa-se em amor a Deus e ao próximo, (Gl 5.6; Ro 12.9-21; 13.8ss.), o qual é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, (Ro 5.5). Essa fé vem do ouvir o Evangelho, (Ro 10.17). Então, é o viver agora com esperança o fruto do Espírito, (Gl 5.22), que tem a ver com a construção da rede de relacionamento com Deus e uns com os outros. É a vida de discernimento, lendo as Escrituras lendo a vida que nos cerca voltado para quando Deus será tudo em todos, (1Co 15). Trata-se da plenitude da comunhão. Esse é o alvo final. Entrementes, é importante salientar que Abraão foi contado antes de sua circuncisão e antes da lei que faz separação entre a pureza e impureza. Assim, Abraão se encontra sob uma perspectiva universal. Na sua descendência está Jesus Cristo em quem não há mais judeu nem gentio (ver Gl 3.26ss.), mas um só povo. Nele a linha demarcatória, por assim dizer, é o viver confiando na promessa e se revestir de Cristo não mais em termos culturais, étnicas, sociais e ideológicas. Neste “antes do alvo final”, há diferenças étnicas, culturais, históricas e sociais importantes. Há que distinguir entre essas diferenças como parte do patrimônio humano que não pode ser homogeneizado, nem “depurado” e, ao mesmo tempo, a igualdade de todos em relação aos direitos das pessoas serem humanas como homens e mulheres, isto é, não fazer da relatividade cultural desculpa para fechar os olhos para desigualdade e violência contra mulheres, por exemplo. Então, a questão que a Igreja do Novo Testamento (a grosso modo, porque a Igreja do NT era muito mais complexo do que imaginamos) enfrentou e o Evangelho da justificação, reconciliação são muito mais contemporâneos do que pensamos. (ST)

Santo Evangelho: Mateus 9.9-13

O texto de hoje é mais um daqueles que nos mostra que Jesus nunca teve problemas em aceitar os marginalizados e conviver com eles. Aqui lemos a narrativa do chamado e vocação de Mateus. Ele era um coletor de impostos, ou “publicano”. Essa profissão era das mais odiadas em Israel, principalmente pelos nacionalistas. Ser publicano era ser colaborador dos dominadores romanos. Os que se apresentavam para tal ofício geralmente eram pessoas sem outras perspectivas profissionais. Por isso mesmo muitos se aproveitavam de seu posto para exercer a antiga prática da corrupção. Exigiam altas “propinas” dos judeus para diminuir o valor de seus impostos. Quem se recusasse a pagar suborno aos publicanos era denunciado ou taxado com índices mais elevados que os normais. Por essas razões, os publicanos eram mal-vistos por todos: a elite dos saduceus os odiava por saber que seus impostos poderiam ser mais altos caso não aceitassem a lógica da corrupção; os fariseus e zelotes os odiavam por motivos religiosos: viam-nos como colaboradores do Império opressor. Porém, ao chamar um desses para compor o colégio apostólico, Jesus mostra que em sua comunidade há espaço para todos os inacolhíveis e desprezados.

O chamado de Jesus é dirigido através de um simples verbo no imperativo: “Segue-me”. Não se trata de um convite cuja decisão de aceitar ou não aceitar



pudesse ser protelada. Era uma ordem de segui-lo já. Largar aquela situação e iniciar uma nova vida. E Mateus (ou Levi) prontamente atendeu. O banquete que ele oferece após aceitar o chamado é interpretado por muitos exegetas como um banquete de despedida dos seus. Ele agora aceitara trilhar o caminho de Cristo e praticar a justiça. No mundo oriental, a refeição (sentar-se junto com alguém) denotava comunhão íntima, intimidade. Almoçar com pessoas consideradas pecadoras ou impuras significa compartilhar de sua impureza - infringir prescrições rabínicas. Mas Jesus senta-se à mesa com muitos publicanos e "pecadores", tal como dominicalmente nos recebe em sua santa mesa para a santa comunhão. Isso atrai a ira dos fariseus, mas Jesus responde citando o trecho de Oséias 6.6 (1ª leitura): "misericórdia quero e não holocaustos", acrescentando: "pois não vim chamar os justos, e sim os pecadores" (v.13).

Há algum tempo, li numa dessas camisetas que os jovens usam a seguinte frase estampada no peito: "Não me siga". Nas costas, o complemento dizia: "não sei para onde vou". Infelizmente essa parece ser a situação existencial de muitas pessoas ainda hoje. Os altos índices de violência e drogas entre os jovens revelam que nossa sociedade está sem rumo. Em tal situação, as palavras de Cristo revestem-se de grande significado. São palavras de alguém que se dispõe a assumir responsabilidades pela vida dos que estão perdidos.

Hoje mais uma vez ouvimos a ordem de Jesus a segui-lo. E quando Ele diz "segue-me" está propondo:

a) uma caminhada - E o rumo dessa caminhada é traçado por seus próprios passos. Ele é o caminho. Não somos nós quem abrimos caminho, mas Cristo vai à nossa frente. E por onde ele for, onde ele pisar, aí também será nosso caminho. O/A pregador/a poderá trazer várias ilustrações de lugares e opções que Jesus fez. Se nós cantamos na Igreja o hino "Eu resolvi seguir-te, Jesus, até o fim", isso significa andar por Jesus andou, buscar aqueles a quem ele buscou, conviver com as pessoas marginalizadas e aceitar ser criticado por essa opção.

b) uma direção - Quem diz "segue-me", o faz porque tem um propósito. Sabe exatamente onde quer chegar. E mostra segurança capaz de conduzir aqueles que aceitam tal chamado.

c) sua companhia - Ao dizer "segue-me", Jesus está também se oferecendo como companheiro. Desse modo, ele nos dá a segurança de que não caminhamos sozinhos. Que podemos contar com sua companhia - "estarei convosco todos os dias até a consumação do século".

A palavra final de Cristo, (" não vim chamar os justos, mas os pecadores") é pronunciada em tom de ironia. É uma lição a todos aqueles que se julgam no direito de escolher quem pode fazer parte do povo de Deus. Essa tentação é muito forte na igreja. Dependendo da opção teológica, algumas pessoas, preocupada com a pureza ética da Igreja dirão: "prostitutas? homossexuais? descasados? - esses não podem sentar-se à mesa com Jesus". Quem pensa assim deve interiorizar as irônicas palavras de Cristo: "não vim chamar os justos, mas os pecadores".

Outros, mais preocupados com a vertente social, dirão: "os corruptos? os políticos mal-intencionados? os poderosos que se sentem impunes? - esses não



podem sentar-se à mesa com Jesus". E, novamente, a ironia de Cristo nos atinge profundamente: "não vim chamar os justos, mas os pecadores".

Ou seja, diante de Cristo, não há pessoas melhores e outras piores. Há, certamente, um caminho, um referencial ético e uma proposta clara. Diante dessa vocação muitos voltam atrás e recusam segui-lo (há vários exemplos nos evangelhos (o moço rico, o jovem que queria enterrar primeiro a seus pais, os que recusaram o convite ao banquete, etc). Mas todos que aceitam trilhar seus passos, descobrem um novo caminho, um rumo diferente e desfrutam de sua companhia transformadora. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)